

CHARQUEADAS, FRIGORÍFICOS E CRIADORES — UM ESTUDO SOBRE A REPÚBLICA VELHA GAÚCHA*

Voltaire Schilling

Historiador, autor de "História e Verdade". Ed. Movimento.

Lentamente, o obscuro véu que encobre o passado econômico do nosso Estado está sendo levantado. Há alguns anos, circulou entre o mundo técnico-acadêmico um trabalho do prof. Geraldo Muller, infelizmente em forma mimeografada, onde já se esboçava uma tentativa de delinear uma periodização da vida econômica do Rio Grande do Sul a partir dos finais do século XIX. A tese da Profª Pesavento terá outra sorte, pois, brevemente, será publicada pela editora Movimento em convênio com o Instituto Estadual do Livro. Mas sabe-se que, mesmo antes de atingir o grande público, tem circulado com merecida constância nos meios acadêmicos e entre os estudiosos da nossa economia.

Dividida em três grandes capítulos, procura esmiuçar detalhada e eruditamente a postura dos estancieiros e charqueadores perante as novas regras do sistema capitalista internacional, que se esboça a partir da Segunda Revolução Industrial. Mas o trabalho não se detém aí. A profª Pesavento nos mostra a crise por que passa o "Celeiro do País", com as dificuldades que encontra a economia gaúcha em poder acumular capital e poder dar um salto qualitativo. As baixas taxas de acumulação impedem uma modernização mais eficiente da pecuária, assim como levam ao fracasso as tentativas dos estancieiros e charqueadores em poderem financiar seus próprios frigoríficos.

A tese atinge seu ponto máximo — verdadeiramente brilhante — quando mostra a penetração das grandes empresas multinacionais no setor de carnes frigorificadas. A profª Pesavento nos transporta até Chicago, o grande centro manufatureiro das carnes e lugar onde são traçadas as diretrizes da monopolização da produção e distribuição dos produtos da pecuária. De lá, estendem-se poderosos tentáculos que abraçam, primeiramente, a pecuária platina (argentina e uruguaia) e, a partir de

*Dissertação de Mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica do RS — 1978 — Sandra Jatahy Pesavento.

1917, o Rio Grande do Sul. A implantação da indústria dos frigoríficos, lentamente, vai desbancando a produção nativa dos saladeiros. Num primeiro momento, os estancieiros são favorecidos pela concorrência pelo domínio da matéria-prima feita entre os capitais ingleses, já há muito tempo implantados na região em luta contra o jovem imperialismo americano.

Depois de conseguirem dominar fatias respeitáveis do mercado, observa-se a frustração dos pecuaristas. Os preços começam a baixar e virtualmente a criação torna-se serva da produção. Numa mensagem governamental, Borges de Medeiros, alerta os estancieiros para os perigos que podem advir da implantação dos frigoríficos no Estado. Por outro lado, não apresenta alternativas para a modernização da pecuária sem a presença deles. Depois do período de euforia econômica provocada pelo crescimento da demanda durante a Primeira Guerra Mundial, a crise novamente se manifesta. Ressurge o espírito associativo entre os criadores e independentemente de suas divisões políticas (republicanos e maragatos) terminam encontrando um denominador comum em torno do Governo de Getúlio Vargas, o qual estimula o ressurgimento da FARSUL, a constituição do Sindicato dos Charqueadores, e, fundamentalmente, a criação do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. É junto ao Estado que encontrarão o fole creditício necessário para o aprimoramento do gado e sua sobrevivência como produtores.

Depois de enfrentarmos as 414 páginas da tese da profª Pesavento, resta ainda uma observação. O estilo encontra-se singularmente despojado do "sociologês" e do "economês", tão comuns às teses acadêmicas que normalmente tornam a leitura um martírio de Tântalo. As eventuais omissões, ou aprofundamentos, devem-se, antes de tudo, ao pioneirismo do trabalho, como também à inexistência de estudos teóricos que permitissem a autora maior flexibilidade. Seja como for essa tese que será editada neste ano, será um marco na historiografia gaúcha. De agora em diante, dificilmente alguém poderá escrever sobre a República Velha sem fazer-lhe referência.